N.° 541. Anno de 1830.

DIARIO DE PERNAMBUCO

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario (rua Direita N.° 267 1.° audar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

SABBADO 4 DE DEZEMBRO. *S. Barbara V. M.*

Preamar as 7 horas e 42 minutos da manha

RIO DE JANEIRO.
Extractos da Aurora.

HUMA grande porçaõ de chapinhas de cobre para se cunharem, foi comprada a alguns Negociantes Inglezes pelo novo Ministro do Thezouro. Diz-se que o seu numero sobe a 1500 barricas, e sobre este objecto o Snr. Vasconcellos em sessaõ do dia 15, na Camara dos Deputados, fez hum requerimento a fim de se perguntar ao Governo o que ha sobre tal negocio. Assim, quando a Lei do Orçamento, que esta dormindo no Senado, a grande maioria da Camara, de accordo com a opiniaõ, manifestou o dezejo de que se pozesse termo ao ruinoso cunho do cobre; he o governo aproveita os momentos que lhe restaõ de estar com os braços soltos, a fim de fazer hum emprego avultado nesta mercadoria, com que vai de novo inundar de moeda depreciada todos os mercados do Brazil! Os preços das cousas sobem em todas as provincias; o cambio desce, as fortunas se transtornaõ, e o que he peior, o extrangeiro, com excessivo lucro, a sombra das quantias que se cunhaõ na nossa Caza da moeda, introduz no Paiz milhões de cobre falso, cujo valor intrinseco naõ guarda proporçaõ com o que reprezenta; isto he, compra-nos os productos do nosso paiz pelo terço ou quarto do que elles valem, e assim diariamente nos empobrece.

O Ministerio porem olha as necessidades do momento, e sem authorizaçaõ do Poder Legislativo, sem consultar as tristes consequencias de huma tal conducta, saca do Brazil hum emprestimo forçado de alguns milhões, tanto mais funesto, por isso mesmo que naõ encontra os embaraços da resistencia individual. He o veneno que se insinua lentamente e cujos effeitos, quando se conhecem, saõ irremediaveis. E qual he a intençaõ dos Ministros? O que esperaõ elles obter, ajuntando lenha a fogueira, que foi elevada por seus anteeessores? Quaes saõ os seus planos, os meios que offerecem para salvar o Estado, para acudir a crise monetaria que afflige o Brasil? O Banco? E o Banco, tal qual parecem dezejal-o, pode produzir algum beneficio, pode mesmo ter effeito nas actuaes circunstancias do paiz? So huma vereda havia, por onde nos fosse possivel salvarmo-nos: esta vereda he a da economia e reforma; mas os Cortezaõs a rejeitaõ, os Ministros tem empregado todos os esforços para que as reducções, feitas no orçamento pela Camara dos Deputados, naõ sejaõ admittidas no Senado. E aonde iremos ter, caminhando assim? Diga-o a razaõ mais fria. Para que he esta porçaõ taõ grande de chapas de cobre? Refere se (naõ asseveramos) que he a maior que de huma vez se tenha comprado, como se se quizesse jogar a *rebendita* com a Camara; e que o antecessor do actual Ministro recusara tomal-a por conta do Thezouro, em razaõ do excessivo preço que por elle exigiaõ.

Seja o que for, e naõ querendo nos dar assenso ao que por ahi se diz, do lucro immoderado que alguns Negociantes derivaraõ desta transacçaõ, concluida com hum Ministro que se quer suppor ao menos inexperto; limitar-nos-hemos a perguntar: se reputaõ huma renda a enorme senhoriagem que o Estado vai tirar do cunho dessas chapas, ou se he so com o intuito de continuar-se aos grandes empregados a pitança de se lhes dar a metade dos ordenados em cobre, que assim se calca aos pes a opiniaõ, o votto da Camara, e a Lei; porque nenhuma

Lei authorizava o Ministro para esta negociaçaõ desgraçada. Se he como renda do Estado que a tal meio se recorre, se ha hum *deficit* gande e reconhecido, porque nao se trilha o caminho da economia, que a Camara apontou; porque se procura nos periodicos a soldo fazer guerra aos principios em que elle se funda, e no Senado deitar por terra os detalhes em que estes principios tinhaõ sido reduzidos a pratica com summa prudencia, e attendendo as circunstancias, que naõ permittem completa reforma! Calculou ja o Ministro todos os males que vai causar com este cobre accrescentado assim na circulaçaõ? So a noticia da compra das 1500 barricas poz o commercio em consternaçaõ, fez subir o premio da prata, e tirou aos capitalistas, e negociantes a esperança de que cesse a crise em que nos achamos. Dentro de pouco tempo o livel do descredito da moeda igualara todas as provincias do Brazil. No Norte, em Pernambuco, e principalmente na Bahia ja pouca prata appoarece: com a chegada de novas somas de cobre, cunhadas no *grande manancial* do Rio de Janeiro, fugira ate a ultima moeda de trez patacas: e naõ havera', na força da palavra, outro dinheiro no Imperio que naõ seja cobre ou papel. Mas as consequencias?....Esses 1500 barris de cobre saõ antes 1500 barris de polvora que se depositaõ em huma grande mina subterranea; os nossos Ministros, os nossos aulicos naõ querem vel-a; mas he preciso encarar o perigo, conhecel-o, para se poder desvial-o.

(*De 18 de Outubro*).

EM sessaõ de 18 do corrente, foi decidido na Camara dos Deputados que naõ deve haver no Brazil hum Banco Nacional; questaõ preliminar que se havia posto, a fim de entrar-se ao depois na escolha de hum de quatro Projetos que alli existiaõ para creaçaõ do Banco.

— Tinhamos ouvido que as circunstancias do Thezouro naõ eraõ boas que nos achavamos em crise; que a Naçaõ naõ podia com as despesas que era forçada a fazer: que ha hum innumeravel esquadraõ de Officiaes, de Officiaes geraes, que chegariaõ bem para costear hum exercito de 80 mil homens; mas a vista dos ultimos despachos, conhecemos que tudo isto saõ meras impertinencias, palavrões, rumores vagos com que se quer assustar a Naçaõ. Se houvessem essas urgencias, esses apertos, naõ seria agora augmentada a legenda dos despachos com trez Brigadeiros novos, Coroneis, etc. etc.: parece que em tempos de calamidade, e pobreza naõ se cuidaria nestas munificencias. Dir-nos-haõ, que saõ Brigadeiros graduados; mas he isso, ou naõ hum despacho? E naõ vem logo a baixo dous Coroneis que de graduados passaõ a effectivos? Naõ o seraõ estes Srs. na primeira occasiaõ que se offereça?

Verdade seja, saõ trez nomes muito distinctos, trez Officiaes que se fizeraõ notaveis nas nossas ultimas campanhas, e que cumpre remunerar, embora a Naçaõ padeça mais alguma couza. O Snr. Antonio Eliziario, por exemplo, tem sido no Maranhaõ hum excellente Commandante de armas, tem-se mostrado muito favoravel ao partido recolonisador, e dizem que escrevia para a Estrella: isto he alguma couza. O Snr. Pedro Joze da Costa Pacheco, Commandante das armas do Rio Grande do Norte, e que teve agora a graduaçaõ de Coronel, he taõ bem hum benemerito: conta-se que naõ pode ver com bons olhos hum Brazileiro; que tem sido o tyranno da gente que commanda; que se poz no quartel rodeado de peças de campanha por espaço de hum mez, a fim de remetter para Pernambuco presos 70 dos seus Soldados: o Sr. Pacheco declarou n'essa occaziaõ em huma ordem do dia, que dezeja *mais fazer as suas obrigações do que ter boa reputaçaõ.* Devia ser contemplado.

Os trez novos Brazileiros, etc. nos fizeraõ lembrar da injustiça com que se tem arguido o Governo, por naõ dar postos importantes, e especialmente commandos de corpos, ou de provincias a Brazileiros natos. Naõ ha maior calumnia! Se o naõ faz, he porque naõ acha Brazileiro que tenha merecimento: espirito de nacionalidade he o que mais tem brilhado sempre nos nossos Ministros, e muito mais ainda pela repartiçaõ da guerra: Deos nos dê paciencia, e preparemosnos para honrar os nosos novos *titulares hereditarios, nomeados em recompensa de serviços que prestaraõ ao Estado*: serviços que naõ tem chegado ao nosso conhecimento pela ma' vontade que ha contra os filhos dos fidalgos. Naõ

fallamos nas comendas, e habitos; saõ materia pouco importante pelo baixo preço a que tem descido essas insignias, que foraõ de honra, e que o nosso Governo da com tanta prodigalidade, como tem em cunhar dinheiro de cobre. Naõ ve que tem depreciado, e esta' depreciando ambas essas moedas; so lhe lembraõ as necessidade do dia.

(*De 20 de Outubro*).

NA Camara dos Snrs. Deputados, em sessaõ de 23 de Outubro foi lido o seguinte Officio do Ministro do Imperio.

Illm. e Exm. Snr. — S. Magestade Imperial me ordena participe a V. Ex. para ser presente a Camara dos Snrs. Deputados: 1.° ter chegado ao Governo a noticia (posto que ainda naõ official, com muitos caracteres de verdadeira) que de alguns actos desregrados, e criminozos, praticados na Cidade de S. Paulo por moradores della, no dia, e noite de cinco do corrente com perturbaçaõ da publica tranquilidade, dos quaes o Ouvidor procurou conhecer judicialmente como lhe cumpria, se tem seguido procedimentos, tambem desregrados, e illegaes da Camara Municipal e do Conselho do Governo da Provincia, que extraordinariamente se reuniraõ, suscitando-se conflicto entre as authoridades, e commoções entre os Cidadãos, que poderaõ talvez degenerar em motim, ou revolta: 2.° ter julgado o Governo indispensavel que saia quanto antes a tomar conta da administraçaõ daquella Provincia o Presidente que para ella se acha nomeado Aurelianno de Souza e Oliveira. E porque he membro da Camara dos Snrs. Deputados, torna-se por isso necessario que a mesma Camara determinando, como he de esperar de sua Sabedoria, a dispensa delle continuar a assistir as sessões, o habilite para partir, logo que pelo Governo lhe for ordenado. Deos Guarde a V. Ex. Paço em 23 de Outubro de 1830. — Joze Antonio da Silva Maia. — Snr. Joaquim Marcellino de Brito.

Os Snrs. Paula Souza e Lino fizeraõ acerca delle energicas reflexões, que foraõ appoiadas por toda a Camara, e que socegaraõ o espirito publico, agitado por falsos rumores de huma revoluçaõ em S. Paulo. O Officio do Snr. Maia presta-se com effeito a toda a especie de censura: ve-se ahi hum Ministro Constitucional que vem por em *alarma* a Camara dos Representantes, requerer providencias extraordinarias, por cousas que naõ sabe ainda o que sejaõ, e de que confessa naõ haver recebido *noticia official*. Naõ era certamente de crer, a ter havido hum motim de algum volume, a ter sido turbada a tranquilidade publica com tantos *procedimentos desregrados*, que o governo da provincia deixasse de officiar para a Corte, e de dar parte da situaçaõ em que se achava. Assim, o que cumpria era esperar o correio que devia chegar por horas, e examinar o que havia de real em todo este negocio, que aos olhos da boa razaõ naõ podia ter fundamento se naõ na loucura, e perversidade do Ouvidor actual de S. Paulo; conhecido como esta' o seu caracter e desarranjo mental. Mas o que ha de ser, se dizem que o Snr. Japi-Assu ao sahir daqui, deo promessa de esmagar alli os demagogos, e aproveitar o primeiro pretexto plausivel para comprometter as pessoas de quem o Governo se teme, por sua honradez, e firmeza de animo! Hum tal personagem deve ser accreditado, ainda quando conte absurdos, a sua palavra, aos sonhos da sua phantasia escaldada, deve por se tudo em movimento, insultar-se o povo de huma Cidade, distincta por seu patriotismo, calumniar a Camara municipal, calumniar o Conselho do Governo, interromper o andamento dos negocios na Camara dos Deputados e assustar o Rio de Janeiro, fazendo-lhe crer que a anarchia acaba de romper n'uma provincia aonde talvez seja menos razoavel o temel-a. Se ha nisto simples credulidade da parte do Ministro; de que prevenções, de que erros naõ estara' nutrido o espirito de quem accredita taõ de leve, sem noticia official, aquillo que se lhe mandou dizer em desabono de dous respeitaveis corpos electivos, a hum pretexto, que logo devia ser tido como futil! Cumpria que o Snr. Ministro do Imperio se lembrasse do que aqui se disse acerca dos festejos de 25 de Março, ou mesmo das luminarias, com que alguns Cidadãos solemnisaraõ as noticias da França; accrescentando a essas considerações o conhecimento pessoal de quem he o Ouvidor Japi-Assú, cuja demencia, e furor anti-liberal tem sido amplamente descriptos ate' nas folhas publicas. Talvez S. Ex. naõ as lea, ou lhes dê pouco assenso, talvez, como alguns que conhecemos, se

gabe de naõ fazer caso dos jornaes; porem entaõ, permitta-nos que lhe digamos, he incapaz de ser ministro de hum governo constitucional, a quem cumpre dirigir-se pela opiniaõ publica, espreital-a, examinal-a de qualquer modo que ella se apresente.

Nós naõ gostamos da anarchia: na nossa Folha bastantes provas havemos dado de que naõ propendemos para os excessos, e que sabemos quanto custaõ as revoluções, quanto se devem temer as paixões desencadeadas da multidaõ, o choque dos interesses contrarios quando naõ ha lei que os regule, e lhes imponha limite. Mas se naõ queremos a anarchia, muito menos podemos supportar a escravidaõ, e ha escravidaõ aonde se pertende punir o Cidadão, porque praticou huma acçaõ innocente, porque mostrou alegrar-se com o triumpho da liberdade, porque exprimio esta sua alegria de hum modo que nenhuma Lei lhe vedava. Os habitantes de S. Paulo festejaraõ as noticias da França, e, honra seja dada aos Brasileiros, acompanharaõ os sentimentos de todo o Brasil livre; reconheceraõ a importancia da victoria que a intelligencia, a civilisaçaõ, a liberdade obtiveraõ em Pariz, sobre a bruteza, sobre os prejuizos, sobre a perfidia: o que ha nisto que naõ houre os habitantes de S. Paulo? O que ha nisto que possa açular as iras do Governo, ou fazel-o tremer? Pertenderia elle imitar o exemplo de Carlos 10, e vio na coragem do povo Parisiense huma imagem do que fariaõ em caso identico os Brasileiros? Foraõ acaso frustradas algumas de suas melhores esperanças? Donde nasce tamanha colera, e signaes taõ pueris que a atraiçoaõ? Quando hum povo acaba de dar ao mundo taõ grande documento de moderaçaõ, de generosidade depois da victoria, quando esta vem de firmar a causa das Constituições na Europa, ministros que se dizem constitucionaes estremecem? Mas o povo, a gente moça em S. Paulo sahio pelas ruas, dando vivas, as cazas se illuminaraõ; e o que ha em tudo isto de criminoso? Se alguma cousa podia produzir perturbaçaõ, e interromper o socego publico, foi o procedimento insensato do Ouvidor Japi-Assú, a devassa que começou a tirar, quando para isso nao havia motivo; éra a respeito deste que convinha dar providencia, se o Governo effectivamente quizesse manter a ordem no Brasil. Porem o Governo quer intimidar os animos, fazer suppor que estamos ameaçados pelos liberaes, que os demagogos em toda a parte se desencadeaõ; preparar por tanto os caminhos para os *golpes de Estado*, para o emprego da violencia, para tudo quanto fermenta nas miseraveis cabeças de meia duzia de cortezãos. Hum fado mau os dirige, e preside a todos os seus actos: temem o povo, e o povo os odeia; porque os Brasileiros naõ podem simpatisar com quem lhes mostra huma continua desconfiança, com quem parece ter posto as esperanças do seu coraçaõ fóra do paiz que administra. Os jornaes de S. Paulo chegados no mesmo dia, em que foi escripto o officio supramencionado e poucas horas depois, desmentem todas as calumnias que por aqui se haviaõ espalhado, mostraõ na sua verdadeira luz a conducta da Camara Municipal, do Conselho do Governo, e do Povo: em outro numero daremos a esse respeito alguns detalhes.

(De 25 de Outubro.)

Vende-se.

PIANNOS de muito boa qualidade, e por preços comodos: na rua da Cruz caza N.° 35.

— Meios Bilhetes da decima quinta Loteria da Santa Caza da Mizericordia do Rio de Janeiro, com 20 por cento de abate: na loje da esquina da rua do Crespo, que vira para o Queimado.

— Dous escravos quasi ladinos, que representaõ ter 20 annos, hum de naçaõ Mina. e outro Moçambique, boas figuras, e aptos para o serviço trevial de uma casa: na rua da Cadeia velha N.° 58.

Perdeu-se.

NO dia 3 do corrente pela manhã huma negrinha de nome Felicidade 5 annos de idade de olhos e boca grandes, e levava vestido de riscadinho azul: quem a achar ou della souber, levando-a a caza do Major Joze Gomes sobrado D. 19 a ilharga do Livramento sera' recompensado.

Pernambuco na Typografia do Diario.